



PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS ESPAÇOS FORMATIVOS DA ESCOLA: RODAS DE CONVERSA COMO CONTEXTO ACOLHE-DOR

Suely Pereira da Silva¹

RESUMO

A participação da família nos espaços formativos da escola, como as rodas de conversa, é uma abordagem valiosa para promover a colaboração entre pais, responsáveis, educadores e a comunidade escolar como um todo. As rodas de conversa são encontros informais nos quais os participantes se reúnem para discutir tópicos relevantes e compartilhar perspectivas, experiências e conhecimentos. Quando aplicadas na educação, essas rodas de conversa têm o potencial de fortalecer os laços entre a escola e a comunidade, beneficiando os alunos e o ambiente educacional de maneira geral. Dito isso, esta pesquisa organizada sob a forma de artigo científico almeja principalmente examinar o aporte das rodas de conversa para a aproximação da família nas escolas. Espera-se trazer à baila acadêmica discussões sobre essa prática vista como costumeira nas unidades escolares, destacando teorias que versam sobre esse método formativo de aprendizagem.

Palavras-chave: Escola; Família; Formação; Rodas de Conversa.

ABSTRACT

Family participation in school training spaces, such as conversation circles, is a valuable approach to fostering collaboration between parents, guardians, educators and the school community as a whole. Conversation circles are informal meetings in which participants come together to discuss relevant topics and share perspectives, experiences and knowledge. When applied in education, these conversation circles have the potential to strengthen the bonds between the school and the community, benefiting students and the educational environment in general. That said, this research organized in the form of a scientific article aims mainly to examine the contribution of conversation circles to the approximation of the family in schools. It is expected to bring to the academic forefront discussions about this practice seen as customary in school units, highlighting theories that deal with this formative method of learning.

Keywords: School; Family; Training; Conversation Wheels.

¹ Doutorado em Ciências da educação, UNADES - Universidad Del Sol (2023) Mestrado em Ciências da Educação, UCP - Universidad Central Del Paraguay (2017) , Pós Graduação em Metodologia do Ensino Superior - UNIR- Universidade Federal de Rondônia, Graduação em Matemática - UNIR- Universidade Federal de Rondônia, e Teologia- EETAD- Escola de Ensino de Teologia das Assembleias de Deus e Magistério - Vice- diretora da EEEFM Prof Dayse Mara de O. Martins em Jaru/RO. Tem experiência na área de Educação por 38 anos , com ênfase em Ciências da Educação.



INTRODUÇÃO

No Brasil, as discussões em torno das possibilidades de aumentar a qualidade da educação apelam ao envolvimento de diversos atores sociais que fazem parte do ambiente escolar. Tradicionalmente, tem-se dado ênfase ao papel dos professores, deixando em segundo plano um ator fundamental na socialização das crianças e jovens: as famílias (ANDRADE et al., 2021).

Ademais, os novos cenários educacionais que exigem qualidade e equidade colocam a relação família-escola em um lugar fundamental, pois se ocorrer de forma positiva, terá potencial para colaboração mútua, favorecendo a aprendizagem significativa nos alunos. Esse vínculo é analisado a partir de uma perspectiva ecossistêmica, na qual as dimensões escola, família e aprendizagem se articulam nas diferentes esferas ecológicas. Com base nesta análise, revelam-se os processos de participação parental como uma instância estratégica para melhorar a aprendizagem, melhorar o clima escolar e contribuir para a melhoria educacional (ANDRADE et al., 2021).

Primeiramente, a família na escola não só responde ao alargamento do espectro dos envolvidos no processo de melhoria escolar e de equidade educativa, mas também surge como um elemento emergente da política educativa nacional; Assim, por exemplo, a política de participação de pais, mães e responsáveis explicitam a avaliação dada ao vínculo família-escola, relata princípios norteadores, apresenta diferentes tipos de participação familiar e oferece alternativas para fortalecer organizações formais de pais (PERETTA et al., 2019).

Por outro lado, em contextos de maior vulnerabilidade social, não é raro encontrar iniciativas que surgem das escolas para motivar e envolver os pais em diferentes áreas do trabalho escolar, do próprio apoio pedagógico ou de contributos para a melhoria da convivência escolar. Isso pode significar desde a contratação de profissionais da área social até a implementação de estratégias de apoio à família que exijam uma abordagem interdisciplinar da escola (PERETTA et al., 2019).

Em paralelo a esse cenário de primazia social e educacional, para Martins, Ale e Souza (2023), as rodas de conversa permitem que os pais,



educadores e administradores escolares compartilhem seus pontos de vista, experiências e preocupações. Isso ajuda a construir uma compreensão mútua e a promover a empatia entre as partes envolvidas, oferecendo uma oportunidade para os pais se envolverem ativamente no ambiente educacional de seus filhos. Isso fortalece o senso de pertencimento e responsabilidade pela educação de seus filhos.

Dependendo do formato, esse contexto de acolhimento também pode incluir a participação dos próprios alunos, permitindo que eles compartilhem suas opiniões e pontos de vista sobre sua experiência escolar. Através da escuta ativa nesses momentos de aproximação, a escola pode identificar necessidades específicas dos alunos e da comunidade, adaptando suas práticas educacionais e programas de suporte (MARTINS; ALE; SOUZA, 2023).

Observa-se que, para Vargas, Pereira e Motta (2016), ao participar ativamente das decisões educacionais por meio dos momentos entre a família e a escola, os pais se sentem mais empoderados e envolvidos no processo educacional de seus filhos, promovendo a transparência na comunicação entre a escola e os pais. Isso ajuda a construir confiança e a melhorar a troca de informações.

Em resumo, as rodas de conversa são uma estratégia eficaz para envolver a família nos espaços formativos da escola. Elas fortalecem a parceria entre educadores e pais, proporcionando uma plataforma para troca de ideias, discussão de preocupações e colaboração para aprimorar a experiência educacional dos alunos. Dessa forma, este estudo objetiva examinar o aporte das rodas de conversa para a aproximação da família nas escolas. Para isso, de modo bibliográfico, discorre sobre temas como *Relevância da família nos processos de aprendizagem de qualidade; Processos de Aprendizagem; Família e sua Influência nos Processos de Aprendizagem; Participação Familiar nos Espaços de Formação Escolar e Considerações Finais*.

RELEVÂNCIA DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DE QUALIDADE

Para dar conta da relevância da família nos processos de aprendizagem, é preciso focar na relação família-escola. Esse elo foi mudando à medida que a



sociedade como um todo mudou. As primeiras escolas mantinham uma estreita união com a comunidade. No início do século XX começaram a distanciar-se. O trabalho pedagógico tornou-se cada vez mais especializado e complexo, e os professores ensinavam disciplinas e utilizavam métodos distantes da experiência dos pais e mães, que pouco tinham a dizer sobre o que se passava na sala de aula.

Esse distanciamento foi mantido, mesmo argumentando que a família e a escola buscavam objetivos divergentes. Hoje, sugere-se que eles tenham influências sobrepostas, responsabilidades compartilhadas e, portanto, o relacionamento deve ser redefinido em condições de colaboração.

Numa síntese conceptual para compreender a relação família-escola em contextos vulneráveis, é possível reconhecer pelo menos três perspectivas analíticas, das quais emergem três representações associadas à relação família-escola. Uma delas é a perspectiva da eficácia escolar (SANTANA, 2010), que concebe esta relação como um “efeito” que, sendo positivo, se integra o sistema de treinamento; mas como é negativo, é excluído e a sua ponderação é compensada pela escola.

O segundo olhar, denominado perspectiva da sociedade do conhecimento no contexto da mudança educacional, concebe a relação família-escola como espaço de transações comerciais do serviço educacional, no qual a família opera a partir de um papel de consumidora. O terceiro olhar, a perspectiva sociocultural, concebe o vínculo família-escola como uma relação entre instituições, que tende a ser descontínua e desconectada.

Provavelmente, olhando de perto a perspectiva sociocultural, os primeiros estudos sobre a relação família-escola surgiram a partir dos anos 50, já que antes era um assunto pouco estudado, ou cujos estudos focavam as influências da família ou da escola separadamente. Mesmo quando a preocupação em estabelecer vínculos colaborativos já estava presente. Por exemplo, nos Estados Unidos, desde o início do século XX, existiam profissionais, assistentes sociais que trabalhavam nas escolas na modalidade de “professores visitantes” ou professores visitantes, que se dedicavam a melhorar o relacionamento e a cooperação entre escolas e famílias (MIZRAHI; DAVIS, 2008).

O acesso aos ambientes mais íntimos da convivência familiar, por meio de visitas e/ou outras estratégias, ainda é válido, dada a importância de



considerar as condições contextuais em que ocorrem os processos de ensino-aprendizagem. Neste contexto, a família corresponde a uma das esferas que tem maior incidência na formação da criança como pessoa, é a instância de socialização por excelência, ali se aprende a conviver com os outros, a abraçar determinados valores. e conectar-se com o mundo e interpretá-lo (AYLWIN; SOLAR, 2003).

Da mesma forma, o desafio de incorporar os pais ou responsáveis no processo de formação é mais complexo se estivermos a falar de contextos socialmente vulneráveis, pois aqui a participação da família é vista, antes, como um obstáculo. Assim, por exemplo, as dificuldades diretas ou indiretas com as famílias das crianças também são relatadas no estudo de Stevenson e Stingler (1999), onde professores norte-americanos levantaram dificuldades no processo de ensino das crianças, onde os problemas familiares operam como entraves. No entanto, por mais vulnerável que seja o contexto da criança, reconhece-se que a família e outras instâncias específicas do contexto ou das condições mediatas e imediatas onde ocorre a aprendizagem da criança exercem forte influência sobre ela.

Assim, no ambiente escolar, a família e a forma como ela atua em relação à educação dos filhos tem diversos impactos, um dos quais está associado à aprendizagem. Para ilustrar isso, pode-se recorrer a Adams e Ryan (2005), que propõem um modelo abrangente e inclusivo de família, no qual a criança e suas realizações acadêmicas são colocadas no centro; estes são influenciados principalmente por suas características pessoais, pois atuam como mediadores de qualquer efeito que o ambiente possa ter sobre eles.

Depois, de forma ecossistêmica, centram-se nas interações escolares que ocorrem entre pais e filhos, na forma como os pais ajudam nos trabalhos de casa, na motivação para o estudo, entre outras áreas.

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

As crianças em idade escolar, aproximadamente entre os 6 e os 12 anos, apresentam certas características particulares que as distinguem de outras fases do desenvolvimento evolutivo e que serão afetadas pela forma como os pais e a escola interagem.



À medida que as crianças crescem, aumenta a sua capacidade de controlar a atenção e selecionar os seus próprios interesses, o que permite que os processos cognitivos sejam mais adaptáveis ao ambiente. Por exemplo, à medida que avançam na idade de desenvolvimento, utilizam diferentes estratégias de armazenamento de informação; por volta dos 6-7 anos de idade é mais comum que utilizem a revisão, enquanto por volta dos 10-12 anos de idade é provável que utilizem a estratégia de organização da informação. Espontaneamente, os meninos e meninas da escola primária são capazes de adquirir e organizar seus conhecimentos de forma elaborada a tal ponto que em alguns casos podem superar os dos adultos (MARTÍ, 2008, p.339).

Durante este período, as crianças adquirem um pensamento operacional concreto, ou seja, adquirem noções que lhes permitirão compreender o seu ambiente de uma forma mais complexa. A partir da teoria de Piaget, eles conseguem isso chegando a um pensamento descentralizado, de realidade inferida, reversível, entre outros. Além disso, Piaget (1964-1991) refere que nestas idades as crianças têm capacidade para trabalhar em grupo, podendo concentrar-se individualmente, bem como colaborar com outras pessoas se necessário.

Erikson (2002), em suas etapas do ciclo vital, afirma que nesta idade estão no estágio industrial contra a inferioridade; assim, uma das características mais marcantes é a importância que os escolares atribuem aos seus pares e colegas de classe, ao buscarem sua aprovação nas ações que realizam; Por isso, a dificuldade desta etapa está no sentimento de inferioridade que podem passar a sentir. Aqui, o papel da família é essencial para apoiar a criança escolar, porque o desenvolvimento de mais de uma criança fica prejudicado quando a vida familiar não consegue prepará-la para a vida escolar, ou quando não cumpre as promessas do etapas anteriores (ERIKSON, 2002, p. 11). Isto é relevante se considerarmos que a aprendizagem socioemocional na escola primária e secundária reduz comportamentos problemáticos,

Em síntese, essas duas primeiras áreas são de extrema importância para o conhecimento dos profissionais que atuam na escola, bem como dos próprios pais ou responsáveis, pois poderão fazer a diferença na forma como capacitam a criança para enfrentar sua vida escolar.



FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

As interações entre pais e filhos focadas na escola incluem estilos parentais, estratégias de apoio que as famílias desenvolvem, formas de controle que estabelecem e expressões de afeto. Nesta área, não basta identificar o tipo e o grau de influência da família no desenvolvimento da aprendizagem dos seus filhos em contexto escolar, importa referir que a percepção que as crianças têm relativamente à atitude dos pais face à escola é crucial o envolvimento da escola.

Quando os alunos acreditam que as suas famílias estão envolvidas na sua educação, reconhecem que as suas escolas e famílias são semelhantes, que os seus professores e pais se conhecem, que fazem mais trabalhos de casa aos fins de semana e que gostam mais da escola. Além disso, relatam que suas famílias estão envolvidas de diferentes maneiras com a escola e com seu futuro, enfim, possuem uma atitude mais positiva na escola, melhor frequência e desempenho (EPSTEIN; SANDERS, 2000).

Nesse sentido, não afeta apenas a relação entre a família e a escola, mas também a interação que ocorre entre pais e filhos em relação à escola; assim, aponta-se que “quanto mais próximo o pai estiver da educação do filho, maior será o impacto no desenvolvimento e no desempenho educacional da criança” (FULLAN; STIEGELBAUER, 2003, p. 195).

PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NOS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO ESCOLAR

Um dos processos, típico da relação família-escola, considerado pelo modelo de Adams e Ryan (2005), é a participação dos pais nas instâncias escolares. Embora seja claramente evidente no grau de interações pais-filhos centradas na escola, a participação também é afetada pelas interações que ocorrem nas outras áreas do modelo, dada a sua natureza ecossistêmica. A participação parental refere-se ao envolvimento dos pais em uma ou mais atividades relacionadas com a escola.

Haveria vários fatores que favoreceriam o envolvimento dos pais nas atividades relacionadas à escola. A primeira é que os pais observaram a



participação modelada pelos seus próprios pais e por outros adultos; a segunda refere-se ao facto de os pais estarem mais envolvidos se experienciarem um sentimento de eficácia pessoal em ajudar os seus filhos a terem sucesso na escola. Esta percepção de eficácia pode ser diminuída se os pais sentirem que lhes faltam as competências e os conhecimentos necessários para ajudar os seus filhos a terem sucesso. O terceiro fator é um aumento na participação dos pais se estes perceberem oportunidades, convites ou pedidos de ajuda por parte do pessoal escolar e dos seus filhos (VALDÉS et al, 2009).

Valdés et al., 2009 propõem uma classificação de estratégias de participação parental, que inclui seis categorias: competências parentais; comunicação escola-pais; envolvimento dos pais como voluntários escolares em atividades de aprendizagem em casa e na tomada de decisões escolares; e a colaboração dos pais com a escola e a comunidade.

Em relação às possibilidades de participação parental no contexto escolar, Maestre (2009) identifica dois âmbitos: na sala de aula e no estabelecimento em geral. Na sala de aula inclui: entrevistas, apoio nos trabalhos de casa, acompanhantes de passeios, participação em workshops de vários tipos, participação em assembleias de aula ou de palco, e festas e celebrações. Considera-se a participação no estabelecimento: no conselho de escola, nas associações de pais e encarregados de educação, nas escolas de pais e em festas, celebrações ou exposições escolares.

Por outro lado, a visão de Fullan e Stiegelbauer (2003) sobre a participação dos pais no processo de mudança educativa identifica as principais formas de participação como: participação dos pais na escola (voluntários, assistentes); envolvimento dos pais nas atividades de aprendizagem em casa (ajudar as crianças em casa, aulas particulares); relação casa-comunidade-escola (comunicação) e governo (conselhos consultivos).

Para que os pais/responsáveis se envolvam e participem, a escola deve oferecer instâncias para promover e sustentar essas iniciativas de participação. A literatura é clara ao apontar que as escolas mais eficazes são aquelas que não só estão abertas a esta interação com os pais e a comunidade, mas também a promovem (ARANCIBIA, 1992).

Por isso, o programa escolar deve ser desenhado considerando as expectativas dos pais e apoiado por eles. Para conseguir esse ajustamento, é



necessário que a escola estimule a comunidade a utilizar as instalações escolares, a participar nas atividades educativas, a participar nas tomadas de decisões, enfim, que a escola esteja aberta para receber os pais (ARANCIBIA, 1992).

Nas escolas onde se busca o trabalho colaborativo entre família, escola e desempenho acadêmico, a comunicação entre essas esferas melhora substancialmente. Neste sentido, a comunicação entre a família e a escola deve superar os motivos claramente negativos, associados à falta de compromisso e conduta escolar da criança, pois os pais sentem-se menos satisfeitos quando são chamados frequentemente apenas porque o seu filho apresentou má conduta ou desempenho. Atualmente, a comunicação só ocorre caso o aluno apresente dificuldades (EPSTEIN; SANDERS, 2000).

O estilo de relacionamento que pode ser desenvolvido entre as escolas e os pais está intimamente relacionado com o estilo de participação demonstrado pelos pais. A evidência relativa à participação parental é normalmente algo confusa, uma vez que não está claramente definido o que se entende por participação ou a que resultados está associada; no entanto, sabe-se que as crianças que recebem apoio dos pais nos trabalhos escolares têm um desempenho escolar significativamente melhor (FULLAN; STIEGELBAUER, 2003).

Os diferentes estilos parentais, bem como o seu nível de participação, serão elementos-chave no planejamento e concepção de planos de ação para envolver a família e com ela promover uma aprendizagem significativa para as crianças. Nesta seção final serão apresentados diferentes motivos que tiveram sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, a partir do seu papel social e ativo dentro de uma comunidade, pode ser fundamental para ajudar os alunos através da participação familiar, e uma forma de o fazer é através da ativação de redes sociais/comunitárias para favorecer o processo de aprendizagem. A escola pode favorecer o desenvolvimento da criança acionando redes locais (médicos, hospitais, bibliotecas municipais, entre outras).

Além disso, nos casos que assim o exigirem, a escola poderá ir até o domicílio, com a modalidade de “professores visitantes” ou professores visitantes



(MIZRAHI; DAVIS, 2008), o que favorece o relacionamento e a cooperação das famílias. Por fim, é importante que a escola promova ativamente a participação dos pais ou responsáveis que atuem como voluntários dentro da comunidade escolar.

Para que todas estas estratégias possam funcionar como políticas escolares, é essencial que a escola atue como mediadora dos estilos parentais e dos níveis de participação familiar, favorecendo assim a comunicação ativa e a aprendizagem significativa. Dependendo dos diferentes estilos parentais, a escola poderá elaborar estratégias complementares e diferenciadas, e ser mediadora desses estilos, favorecendo aqueles com maior participação. Desta forma, se na escola existe um maior número de estilos de pais que proporcionam as condições básicas de educação, a escola pode mediar para promover a sua participação e transformá-los em estilos de pais como professores, continuar em casa o trabalho iniciado na escola.

O mesmo poderia ser gerado com os diferentes níveis de participação. Caso existam pais ou encarregados de educação a nível informativo, mediar através de diferentes instâncias para que os pais participem em diferentes áreas, como cooperativa, consultiva ou controlo de eficácia. Desta forma, se os pais ou responsáveis adquirirem um papel de fiscalização do projeto educativo, as escolas estarão capacitadas para gerar uma aprendizagem melhor e de qualidade nos seus estabelecimentos. A par disso, a escola deve ter flexibilidade e capacidade de contextualizar as suas ações, de forma a captar recursos culturais da comunidade e, assim, promover a participação familiar dentro do estabelecimento de ensino.

Os principais desafios que emergem desta análise são que parece urgente e necessário ter um modelo adaptado à realidade brasileira, tanto à realidade escolar como à realidade sociocultural, que inclua os interesses e motivações das famílias. Tomando isso como base, seria uma grande contribuição validar ou criar um instrumento que avaliasse o estilo e/ou áreas de participação familiar, para que as escolas possam fazer um diagnóstico das famílias e, com isso, desenhar estratégias contextualizadas para a sua realidade.

Finalmente, no campo da investigação educacional, seria bom investigar e descobrir boas práticas de estratégias que favoreçam a participação das



famílias. Com isso, pretende-se que seja proporcionada uma divulgação de práticas bem-sucedidas no que diz respeito à relação família-escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, G.; RYAN, B. The family-school relationships model: parental influence on school success. In: M. Kane (Ed.), **Contemporary issues in parenting**. Ontario: Nova Publishing, 2005.

ANDRADRE, Julyana Lima Vasconcelos et al. “Água de Chocalho” em Rede: Roda de Conversa Online Com Famílias de Crianças Autistas Durante A Pandemia de COVID-19. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 429-437, 2021.

ARANCIBIA, V. **Eficácia escolar**: uma análise comparativa. *Estudos Públicos*, 47, 101-125, 1992.

AYLWIN, N.; SOLAR, M. **Trabajo Social Familiar**. Santiago: Ediciones Pontificia Universidad Católica, 2003.

EPSTEIN, J.; SANDER, M. **Manual de Sociologia da Educação**. Ed. Springer: Estados Unidos, 2000.

ERIKSON, E. Oito idades do homem. In: E. ERIKSON. **Infância e sociedade**. Buenos Aires: Edições Horme, 2002.

FULLAN, M.; STIEGIELBAUER, S. **El cambio educativo**. Guía de planeación para maestros. México: Trillas, 2003.

MAESTRE, A. Família e escola. Os pilares da educação. In: *Renovação e Experiências Educativas*, 14 (janeiro), 2009.

MARTÍ, E. Processos cognitivos básicos e desenvolvimento intelectual entre os 6 anos e a adolescência. In: J. PALACIOS, A.; MARCHESI C. **Desenvolvimento psicológico e educação 1**: Psicologia Evolucionária (pp. 329-354). Madrid: Aliança Editorial, 2008.



MARTINS, Jardielly Alencar Vasconcelos; ALE, Bruna Queiroz; DE SOUZA, Jamile Rossetti. O que as crianças gostariam que você soubesse: uma roda de conversa sobre ansiedade infantil. **Revista Conexão UEPG**, v. 19, n. 1, p. 01-11, 2023.

MIZRAHI, T; DAVIS, L. **Encyclopedia of Social Work**. Washington, DC; Oxford, NK, NY: NASW Press and Oxford University Press, 2008.

PERETTA, Anabela Almeida Costa et al. Roda de conversa sobre evasão: a psicologia escolar no ensino superior. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, p. e186484, 2019.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Barcelona: Trabalho Editorial.

SANTANA, A. Relação família-escola em contextos de pobreza. Possibilidades e limitações nos processos educativos. **Revista CUHSO**, 20(2), 81-93, 2010.

STEVENSON, H.; STIGLER, J. ¿Por qué los escolares de Asia Oriental tiene alto rendimiento académico? **Estudios Públicos**, 76, (Primavera), 297-357, 1999.

VALDÉS, R. A relação Família-Escola como aliança. Abordagens para sua compreensão e questionamento [versão eletrônica]. **Educação, inovação, revista de tecnologia**, 3(6), 1-15, 2009.

VARGAS, Vanessa Alves; PEREIRA, Vilmar Alves; MOTTA, Maria Renata Alonso. Reflexões sobre as rodas de conversa na Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 18, n. 33, p. 122-143, 2016.